

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Precos da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	21.º Anno — XXI Volume — N.º 695	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	6950	6120	20 DE ABRIL DE 1898	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possesões ultramarinas (idem)...	49000	25000	8400	8400		
Extrang. (união geral dos correios)	54000	28500	9500	9500		



## CHRONICA OCCIDENTAL

Tanto se emmaranhou o caso de Hespanha com os Estados Unidos, que, de dias em dias, mais difficil se torna a previsão do que virá a acontecer. Em Washington os representantes estrangeiros publicaram uma declaração officiosa, desmentindo que a Hespanha se ache disposta a abandonar Cuba, onde defenderá os seus direitos de soberania, confiando no apoio de todo o mundo civilizado.

Em Barcelona e Malaga houve manifestações de exaltado patriotismo, em frente dos consules dos Estados Unidos, dirigidas pelos estudantes.

A policia, sem ter que empregar a força, pode dispersar os grupos formados.

A Hespanha prepara-se com o maior socego e paz de espirito para o que pode succeder. As luctas intestinas vão terminar; todo o hespanhol acolhe-se á sombra d'uma bandeira gloriosa, que mais gloriosa ainda, Deus o queira, ha de voltar da nova campanha, se Deus a não afastar.

Contrastam com a serenidade fidalga dos hespanhoes as brutalidades dos *yankees*, que, enquanto não disparam os seus canhões contra os couraçados inimigos, vão chimpando os punhos nos focinhos uns dos outros. Republicanos e demócratas esbofeteciam-se e esmurravam-se na camara dos representantes, a ponto de fazerem desmaiar as damas das tribunas. A vozeria é enorme, medonhos os insultos com que se mimoseiam. O democrata Brum chama embustreiro a Bartlett, este pega n'um livro e atira-lh'o á cabeça. Bartlett desanca-o e o som da bofetada foi como o toque do cornetim para a sahida do toiro. Caem uns por cima dos outros, no ensaio geral do que hão de fazer em Cuba.

Leiam-se agora estes períodos do *Imparcial*, inspirados em tão alto patriotismo:

«Hoje não pôde haver mais do que um pensamento: a honra e a integridade da Hespanha; não deve haver mais do que um proposito: defendel-a, agrupando-nos em torno do governo constituido, todos nós nascidos no sagrado sólo da península. Pouco importa o nome que esse governo tenha: pouco a sua significação. Haverá tempo para exigir-lhe não rhetoricamente, mas com inteira verdade, suas responsabilidades. Por ora a unica exigencia deve ser que, assim como todos nós pomos a patria acima de tudo, elle, com mais obrigação que ninguem, ponha acima de tudo a patria».

A narração do que se passou em Washington na camara dos representantes, comparado com o procedimento da Hespanha, tão revolucionaria sempre, patenteia o abysmo que separa as duas nações, uma grande raça e a enorme mistura de sangues, um paiz cheio de tradições gloriosas a esse que hoje appella hypocritamente para os sentimentos humanitarios, esquecido da lucta cruel feita aos pelles vermelhas.

A Hespanha commetteu em sua longa vida grandes erros por certo, mas não é de crer que Deus puzesse a espada de vingança nas mãos dos *yankees*, hoje senhores dos opulentissimos terrenos d'essa America, que a Hespanha descobriu.

Não admira que seja este ainda hoje o assumpto principal de todas as conversações, porque

gravissimos interesses nossos tambem dependem da solução d'este negocio. A curiosidade acha-se excitada. Cada dia nos reserva uma surpresa.

Paz?... Guerra?... Quem sabe?...  
A vida em Lisboa continua na mesma, e por ora as phases que a lucta poderá apresentar não parecem dever fazer-nos sahir da nossa necessaria neutralidade. Por isso nada se modificou no aspecto da cidade.

O mez de abril trouxe-nos as touradas e a batalha das flores, mas por enquanto o verão parece vir longe e o tempo continua agreste prejudicando esses divertimentos.

Um baile de subscrição no Hotel Internacio-

nal esteve concorridissimo, como em pleno inverno, devendo ter dado, approximadamente a receita liquida de quatrocentos mil réis, que serão distribuidos por diferentes estabelecimentos de caridade.

Mas os theatros é que mais teem agora dado que fallar e sobre todos o de D. Amelia, onde a extraordinaria Duse pela primeira vez se apresentou aos lisboetas, e o de D. Maria, em que foi coroado por entusiasticos applausos o trabalho de todos os interpretes no brilhantissimo drama de Guimera.

Sobre a Duse nada ha que dizer. Tem-lhe prestado o mundo inteiro seu preito. Quanto se pôde

## THEATRO D. AMELIA



A ACTRIZ ELEONORA DUSE

Vid. Chronica Occidental



escrever tem sido escripto; mal se pôde descrever o que ella é. E preciso vê-la, deixar-se um homem conquistar, pouco a pouco, pela assombrosa artista, sentir o cerebro exaltado, o coração commovido, ter a sensação unica que ella produz pelos meios mais simples, para ter uma vaga noção do genio que a anima.

O genio junto a toda a graça, a todo o encanto feminino!

Não foi talvez essa mulher bem dotada pela natureza, mas fadaram a as fadas. Terá talvez incorrecções, mas essas mesmas são geniaes, como encantadoras as asymetrias do seu rosto.

Quando tantos artistas precisam para seus efeitos sublinhar com grossos traços vermelhos a menor rubrica de seus papeis, a Duse, com um simples olhar de seus olhos ligeiramente strabicos, um leve sorriso da bocca feticheira, um pequeno gesto de suas mãos distinctas, um movimento rapido, tudo consegue, porque n'ella tudo é eloquente, tudo falla, tudo vae direito a um fim.

A Duse não se deve fazer criticas, é mulher para ser cantada em verso. Ella subjuga a intelligencia e quanto nos diz fere-nos, direito, no sentimento. Os peores papeis, os mais absurdos, a mulher de Claudio, são mais que geniaes pela interpretação que sabe dar-lhes.

Dizem que se despede de nós com a *Hedda Gabler*, de Ibsen. Vamos pois ver a grande actriz italiana no papel que parece para ella ter sido escripto, n'uma das melhores peças do maior dos actuaes dramaturgos.

Noite famosa vai ser, noite unica, noite de eterna memoria.

Quando as companhias estrangeiras são do extraordinario valor d'essa que nos visitou agora, bemvindas sejam entre nós.

E quanto mais admiramos essas estrellas de fama universal que, de quando em quando, se dignam fulgir no céu nosso, Coquelin, Sarah, Emmanuel, Novelli, Duse, ao contrario do que a muitos succede, mais se arrega a nossa admiração pelos que, em meio tão ingrato e tão pobre, lutando, dia a dia, com sabidas difficuldades, com estorvos levantados por quem tinha obrigação de remover estorvos, teem, com trabalho insano e mal pago, erguido alto o theatro portuguez, em meio da indifferença das classes, que, por honra propria, mais deveriam auxiliar-os.

Em Portugal houve actores de incontestavel merecimento e hoje ainda podemos mostrar ufanos o velho Taborda, ainda cheio de vida e saude, que foi, e é, tão bom como os melhores.

O actor portuguez precisa para viver, para sustentar o seu theatro, de representar um numero de peças por anno que lhe não permite o demorado estudo que cada uma de per si requeria. Essas culpas da precipitação com que muitas peças são postas em scena não deve recahir sobre os actores. Uma peça envelhece no cartaz ao fim d'um mez, e precisa ser muito boa, porque o publico elegante prefere as segundas feiras no circo a applaudir, como era dever seu, os que ao nome portuguez dão mais um bocadinho de valor de que elles todos juntos e mais que fossem.

O desprezo por tudo quanto é nosso é hoje elegancia de portuguezes. Por isso todos tem horas de desanimo e a abstenção passiva dos politicos vae tendo sequezas em tudo. Horas de desanimo, mas não dias inteiros, graças a Deus. Ainda ha quem bem queira aos que trabalham e saiba desculpar-lhe certas confusões e caminhos errados, na emmaranhada e difficil entre nós lucta pela vida.

Os applausos com que foram recebidos no theatro de D. Maria o *Manelich* e a interpretação de Rosa Damasceno, Brazão, João e Augusto Rosa, bem provam que os artistas portuguezes ainda teem quem lhes queira e procure compensal-os, com provas de estima, do seu trabalho constante e do muito que hão feito por levantar o theatro do marasmo em que havia cahido.

João da Camara.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### A TAÇA VASCO DA GAMA

*Taça Vasco da Gama* — é assim que convencionalmente se denomina o importante objecto de arte que a commissão executiva do centena-

rio da India resolveu adquirir para premio de honra da regata internacional de barcos de vela, que se realisará no dia 15 de maio proximo, por occasião dos festejos commemorativos.

A *Taça Vasco da Gama* é um primoroso trabalho em prata, sahido das officinas lisboenses dos srs. Leitão & Irmão, joalheiros da corôa, e constitue um premio devêras notavel porque não só honra o paiz que o oferece como tambem os habeis artistas nacionaes que o executaram.

A *Taça Vasco da Gama* compõe-se, como se vê das nossas estampas, de um grande fructeiro redondo medindo 56 c/m de diametro, repousando sobre uma base em arcarias, tudo decorado com os mais rigorosos e caracteristicos motivos do estilo manuelino.

O fructeiro, a peça mais peculiar da antiga ourivesaria portugueza, consiste n'uma chapa redonda ou oval, embojada ao centro, covada em torno, e coberta da mais variada ornamentação sempre executada em rebatido (*repoussé*).

Por estes principios, se molda o fructeiro; o bojo central, liso ao centro, tem em volta uma friza de arcos, e florões, bordada na parte mais inferior, pelo tão conhecido motivo da corda com boias, em torno da qual se vê uma figuração decorativa do mar encapellado, com oito naus que se seguem em circulo a eguaes distancias.

A beira é constituida por uma serie de arcos, de velas atadas e torcidas, bello e allusivo motivo tirado do convento de Christo de Thomar. As extremidades d'estes arcos reúnem-se sobre conchas, que servem de base a arcaturas maiores trilobadas, em que se enleiam cordas, que veem sustentar os remates extremos da decoração, uma serie alternada de cruces de Christo, espheras armillares, e grandes florões.

E' sustentado o fructeiro por uma arcaria, cujas columnas torcidas, pequenos arcos cruzados, e florões pendentes, recordam o claustro dos Jeronymos.

O aspecto da peça, elegante e sumptuoso, é perfeitamente caracteristico. A decoração recamada, mas bem distribuida, não só é propria do centenário por ser pura e exclusivamente manuelina, como tambem, pelas allusões maritimas que contém, é o mais apropriado possivel ao fim a que a peça se destina.

A parte que serve de pé ao prato tem 23 centímetros de altura, e assentará n'uma base de madeira da India.

A formosa taça será concedida nas seguintes condições do respectivo programma:

1.º — A taça ficará na posse do Club a que pertencer o barco vencedor, para constituir um premio internacional perpetuo.

2.º — Este premio só poderá ser disputado em regatas em que entrem dois ou mais clubs.

3.º — Essas regatas serão annuaes ou em periodos nunca excedentes a 3 annos.

4.º — A organização d'esta corrida competirã ao Club que esteja de posse da taça e terá logar mediante coadjuvação da Sociedade de Geographia de Lisboa e dos clubs nauticos portuguezes se o Club organisador assim o entender conveniente.

5.º — A realisação d'este certamen terá logar em Cascaes.

Não oferece pois duvida que, dadas as magnificas condições que o nosso formoso Tejo oferece para um certamen d'este genero, com as suas amplas bahias de Paço d'Arcos e de Cascaes, as regatas dos dias 15, 16, e 17 de maio constituirão um dos mais bellos numeros dos festejos centenarios.

Tudo mostra que estas regatas terão um exito e brilhantismo sem equal. Reina o maior entusiasmo entre nacionaes e estrangeiros para se inscreverem. Ainda agora a illustre commissão acaba de prorogar, a pedido de alguns interessados, até 8 de maio proximo o praso para a inscrição dos que pretendem concorrer; podendo os escaleres dos navios de guerra estrangeiros, por excepção, inscreverem-se até ao dia 14 de maio inclusivé.

Tambem muito recentemente soffreu algumas alterações o programma das regatas nacionaes e internacionaes; e por serem importantes as modificações aqui transcrevemos o programma definitivo, ultimamente approvedo.

### Corridas internacionaes

Regata de vela no dia 15 de maio de 1898 em Cascaes:

1.ª corrida — Para yachts excedendo 60 L. R. — 1.º premio: Taça Vasco da Gama. — Libras 200 e uma medalha de ouro. — 2.º premio: Libras 100 e uma medalha de prata.

O segundo premio só será concedido quando corram 4 yachts ou mais. — Percurso 60 milhas.

2.ª corrida — Para yachts de 50 L. R. até 60 L. R. — 1.º premio: Libras 100 e uma medalha de ouro. — 2.º premio: Libras 50 e uma medalha de ouro.

O segundo premio só será concedido quando corram 5 yachts ou mais. — Percurso 40 milhas.

3.ª corrida — Handicap para cruizers de qualquer tamanho excedendo 20 toneladas Thames Yacht Measurement conforme Lloyd's Yacht Register. — Premio: Um objecto de arte oferecido por Sua Magestade El-Rei D. Carlos I. — Libras 50 e uma medalha de ouro. — Percurso 40 milhas.

### Corridas nacionaes

4.ª corrida — Para cahiques — Premio 350.000 réis.

Só haverá corrida largando 5 barcos. — Percurso 40 milhas.

5.ª corrida — Para canoas da Picada — Premio 350.000 réis.

Só haverá corrida largando 5 barcos. — Percurso 40 milhas.

Terá logar n'esta parte uma corrida extraordinaria para barcos entriaes, sendo dois os premios, um de 300.000 e outro de 200.000 réis.

Corridas internacionaes. Dia 16 de maio, em Paço d'Arcos:

1.ª corrida — Handicap para cruizers acima de 5 toneladas até 20 toneladas, Thames Yacht Measurement, conforme Lloyd's Yacht Register. — Premio, 30 libras e uma medalha de prata. — Percurso 20 milhas.

2.ª corrida — Handicap para Yacht de mais de 21/2 toneladas até 5 toneladas Thames Yacht Measurement, conforme Lloyd's Yacht Register. — Premio, 15 libras e uma medalha de prata. — Percurso 10 milhas.

3.ª corrida — Handicap para Yachts até 21/2 toneladas Thames Yacht Measurement, conforme Lloyd's Yacht Register. — Premio, 15 libras e uma medalha de prata. — Percurso 10 milhas.

Regata de remos. — Dia 17 de maio, em Lisboa:

1.ª corrida — Para Skiffs — Premio, medalha de ouro.

2.ª corrida — Para Outriggers de 4 remos. — Premio, medalha de ouro.

3.ª corrida — Para Guigas de 1.ª classe de 6 remos — Premio, medalha de ouro.

4.ª corrida — Para Guigas de 1.ª classe de 4 remos — Premio, medalha de ouro.

5.ª corrida — Para Guigas de 2.ª classe de 6 remos — Premio, medalha de vermeil.

6.ª corrida — Para Guigas de 2.ª classe de 4 remos — Premio, medalha de prata.

7.ª corrida — Para escaleres de 6 remos de navios de guerra portuguezes e estrangeiros — Premio, 10 libras e medalha de cobre.

8.ª corrida — Idem para escaleres de 8 remos — Premio, 10 libras e medalha de cobre.

9.ª corrida — Idem para escaleres de 10 remos — Premio, 10 libras e medalha de cobre.

Quando os escaleres forem timonados por um official de marinha será concedida medalha de ouro ao timoneiro. — Percurso 1 milha.

## D. LUIZ D'ATHAYDE

CONDE D'ATHOUGUIA  
ULTIMO DOS GRANDES VICE-REIS DA INDIA

«Fazei muita christandade. Fazei justicia. Conquistai tudo quanto poderdes. Tirai a cubica dos homens. Favorecei aos que pelejarem. Tende cuidado da minha fazenda. Para tudo isto vos dou o meu poder. Se o fizerdes assim, muito bem, fazer-vos-hei mercê. Se o fizerdes mal, mandar-vos-hei castigar. Se alguns regimentos forem contrarios d'estas coizas, supponde que me enganaram, e por isso não haja quem vos estorve isto.»

Com esta instrução regia do moço D. Sebastião partia, em abril de 1566, D. Luiz d'Athayde para a India, nomeado vice-rei.

Posto de parte o grandioso plano do imperio civilizador d'Albuquerque, continuara essa odysseia d'aventureiros, heroica e barbara, gloriosa e louca, que, desde o desembarque do Gama é toda a historia dos portuguezes na India. A gloria das armas attrahia para ali os mais nobres espiritos, a ambição de riquezas chamava os outros, e guerreando os mouros e os turcos, catequisando, subjugando ou devastando os indios, tinham os portuguezes conseguido tornar se egualmente respeitados e temidos.

O espanto que, apoz as violencias do Gama, pro-



duzira a tragedia horrorosa de Chaul, assignando a vingança do illustre D. Lourenço d'Almeida, podera ser atenuado pela rectidão habil do governo d'Albuquerque; morto porém este, debalde os pobres indios imploravam justiça ante o tumulto do grande conquistador.

As questões de Lopo Vaz de Sampaio e D. Pedro de Mascarenhas esclarecem vivamente todo um periodo da nossa governação no oriente, e as rapinas de Martim Affonso de Sousa e de D. Affonso de Noronha classificam a administração da India. Immortalisou-se em Cochim Duarte Pacheco, foi por duas vezes sobrehumanamente heroica a defesa de Diu, cercada pelos aguerridos turcos de Coge Solar e de Rumeção, e n'esses cercos se immortalisaram tambem os nomes de Antonio da Silveira e de D. João de Mascarenhas, foram homericas as gloriosas luctas das esquadras portuguezas nos mares da India; mas o brilho de toda essa gloria não consegue esconder as manchas de lodo e sangue que conspurcam tantos dos nossos aventureiros heroicos.

A rigesa intolerante dos guerreiros christãos, n'essa época, mal concedia ás raças gentias direitos d'humanidade. D. João de Castro dá o exemplo da mais severa probidade e da maior grandeza d'alma, mas á sua virtude não repugnava ás barbaras façanhas de D. Manuel de Lima. Francisco Xavier prega a doce religião christã, acolhendo os indigenas sob o manto da caridade e é pela persuasão, pelo exemplo da virtude, que procura atrahir-os, mas apoz elle missionarios fanaticos fazem da cruz um jugo pesado, violentam sem converterem, e chegam ao excesso de roubar ás mães os filhinhos para fazerem d'elles christãos; os governadores que para a India partem da corte de D. João III, patrocinam estes excessos, que o proprio monarcha approva e recommenda. O odio ta germinando no seio das populações opprimidas.

As traições e extorsões de D. Affonso de Noronha acabaram de revoltar os grandes potentados da India e, quando D. Luiz d'Athaide ali chegou para tomar posse do cargo de vice-rei, já existia, de quatro annos, o accordo entre o Hidalcao Khan, Nizam-Melek e Samondri-rajah, o Hidalcao, Nizamaluco e Samorim das chronicas, para a expulsão dos portuguezes. Tinham os trez poderosos aliados resolvido commandar pessoalmente os seus exercitos e atacar todos a um tempo, diversas cidades portuguezas. D'antemão haviam repartido entre si as futuras conquistas, tão seguros do exito os punha a força do seu poder.

Nizamaluco devia atacar Chaul, o Hidalcao Gôa e o Samorim, senhor de importantes logares maritimos, sitiár Chale e lançar contra os portos e navios portuguezes as suas frotas. Tinham feito entrar na liga o sultão do Achem, que se incumbia d'atacar Malaca, e pedido ao Grão-Senhor para fazer com as suas esquadras uma diversão sobre o golpho Persico.

Guardando o segredo dos seus projectos, tratava o Hidalcao amavelmente os portuguezes, e occupava-se de guerras e intrigas contra outros principies orientaes. O Samorim, inimigo irreconciliavel, perseguia sempre o commercio portuguez nos mares das Indias com os seus corsarios atrevidos.

D. Luiz d'Athaide viera succeder a D. Antão de Noronha, vice rei de pouca energia e talento; ao partir para a India era já possuidor d'uma reputação gloriosa. Armado cavalleiro, quasi creança ainda, no monte Sinai, por D. Estevam da Gama, quando este realisara em 1541 a arrojada empreza d'incendiár no Egypto a armada turca, que se preparava contra nos, por trez vezes já pizara o solo da India, servira na Africa e, enviado embaixador ao imperador Carlos V, combatera na Alemanha, no Exercito do duque de Saxe, e entrando na batalha d'Almis, contra os lutheranos confederados, salvara no meio d'uma derrota o estandarte imperial.

Era um valente homem d'armas, um general experimentado e possuia um espirito esclarecido, um largo golpe de vista, que fizeram d'elle o maior governador da India depois d'Albuquerque.

Aos arrojados aventureiros que, aportando com o Gama, tinham levantado as fortalezas, fundado as feitorias e ajudado Albuquerque na conquista de Gôa e de Ormuz, fóra succedendo uma nova geração de portuguezes, lá nascidos, mais fracos, corrompidos pelo luxo e pelas molezas do clima oriental, e os indolentes indios, aguerridos pelas velhas luctas contra os portuguezes ao lado dos turcos valentes de Solimão o Magnifico, cujos alfanges traziam em terror a Europa, animados pela violencia do odio contra os que os roubavam, opprimiam, zombavam das suas crenças esmagando-as, tinham-se tornado adversarios temiveis.

Apenas D. Luiz d'Athaide chegou á India, que já perfeitamente conhecia, tratou d'estabelecer uma severa disciplina, corrigindo abusos e injustiças, e ao mesmo tempo de reorganisar o nosso poder marítimo, augmentando e fortalecendo a armada, tão necessaria n'um dominio colonial, e empregando-a logo na destruição dos piratas que infestavam os mares. D. Diogo de Menezes, enviado contra os piratas do Samorim, arrasou-lhe a cidade em que elles se acoutavam e incendiou-lhe e aprezou-lhe os navios. D. Jorge de Menezes o Baroche, partiu á caça do mais temivel corsario, Kanatale, que, atacado, se defendeu como um leão, matando seu proprio filho e matando-se a si quando viu que iam cahir nas mãos dos portuguezes.

Varias fustas, commandadas por diversos capitães, foram enviadas contra revoltosos de Batecalá e de Gôa e a vigiar e proteger as costas do Malabar. D. Pedro d'Almeida, para castigar a desobediencia do governador de Surrate, Agalucão, aprezou-lhe as naus enviadas a Mecca, carregadas de riquezas, preza importante nas precarias circumstancias em que então se achavam as finanças da India. Ao mesmo tempo Ayres Telles de Menezes varria os mogoës de Baroche.

Nuno Velho Pereira, depois de ter bloqueado Surrate, é enviado a Damão e ali toma o forte de Parnel apoz uma extraordinaria resistencia. André de Villalobos, com meia duzia d'homens, sustenta no forte d'Assarim uma defesa heroica.

O rei de Tolar recusara se a pagar o seu tributo e respondera insolentemente a uma carta do vice-rei, que o castiga mandando por D. Pedro d'Almeida tomar-lhe a cidade de Bracelor, a qual algum tempo depois, em seguida a um violento ataque, teve d'ir pessoalmente reconquistar e fortificar. A rica cidade de Onor, ninho de piratas, pertencia á rainha de Gariopa, inimiga implacavel dos portuguezes; foi conquistada por D. Luiz d'Athaide e deixou-lhe uma guarnição de quatrocentos homens commandados por Jorge de Moura.

Tudo isto realisou o vice-rei em poucos mezes e a sua firme e sabia administração conseguira, apesar da penuria em que encontrara o governo da India, collocar a marinha em estado de attender a todas as urgencias, pois alem das diversas expedições conservava quatro frotas, em reserva permanente, desde o Ganges até á entrada do Mar Vermelho.

O nome portuguez engrandecia-se de novo na India, os animos levantavam-se, e as façanhas heroicas dos portuguezes voltavam a assombrar o oriente. E' d'este tempo a aventura de Mem Lopes Carrasco, que faz lembrar o episodio de dois soldados sosinhos no cimo d'um baluarte isolado em Diu, e defendendo-o contra todo um exercito de turcos.

Governava Mem Lopes a sua nau pelos mares de Malaca quando topou inesperadamente com a grande esquadra do sultão d'Achem que o intima a render-se, sob pena de não ficar vivo nenhum dos seus. A resposta foi um tiro de peça e a guarnição ordenada de popa á proa, prompta a lutar até á morte do ultimo. A artilheria da nau, habilmente dirigida por Martim d'Eça, fustigava as embarcações indias. Combateu-se até á noite: a nau portugueza, já meio desmantelada, metteu a pique muitas galés inimigas. De noite houve treguas e de manhã foi a nau abordada, luctando-se braço a braço. Martins Lopes, filho do commandante, combatera sempre firme á proa até cahir mortalmente ferido e a Mem Lopes que, negro de fumo, vermelho de sangue, percorria a nau commandando serenamente aquella assombrosa defesa, só conhecido já pela voz, chega a noticia da morte do filho — Foi um homem que morreu, mas estamos aqui muitos outros — e assim continua tres dias este extraordinario e terrivel combate, até que o sultão do Achem, vendo qüarenta das suas embarcações perdidas, um destroço horrivel na sua gente e os portuguezes insensíveis á fadiga, luctando sempre, parecendo invulneraveis, abandonou o combate retirando com o resto da sua esquadra, e Mem Lopes Carrasco recolheu a Malaca com os seus companheiros, gloriosos no seu navio arrasado.

(Continua)

Maria Ribeiro Arthur.

### O moinho do pintor (Grão Vasco, como se julga) no arrabalde de Vizeu

Afigura-se-nos ser a primeira vez, que aparece publicamente um desenho d'aquella azenha, graças á dedicacão que sentiu por este *motivo historico* o pintor sr. Christino. Em Vizeu, ninguem nos deu noticia em contrario; e mesmo o origi-

nal, o proprio moinho da tradição, era desconhecido á maioria dos habitantes da cidade.

Em tempo tinhamos lido na *Introdução* ao livro de Robinson, pelo Marquês de Sousa Holstein, uma referencia aos «Moinhos do pintor»

Quando em 1892 nos achámos accidentalmente na capital da Beira-Alta, procurámos saber o que havia de verdade acerca de taes moinhos e o que restava d'elles, assim como recolher a tradição oral *in loco*.

Assim se fez. E do que vimos e ouvimos juntando-lhe as referencias documentaes que nos foram fornecidas por dois cavalheiros, de tudo se fez chronica em apêndice a uma monographia sobre a «Cava de Viriato.» A edição d'essa monographia esgotou-se; porém, Gabriel Pereira, escrevendo n'esta mesma revista — OCCIDENTE de 10 de janeiro de 1897 —, acerca de «Grão-Vasco, e o seu quadro S. Pedro», entendeu acompanhar o seu estudo d'aquelle nosso subsidio.

Portanto, os assignantes do «OCCIDENTE», assim como os curiosos do assumpto, ali tem integralmente o que apuramos sobre o caso.

Não obstante, aqui vão, n'este logar, duas palavras elucidativas.

As tres azenhas, conhecidas pela designação — *moinhos do pintor* — pertencem á quinta do pintor, estão no leito da Ribeira de S. Thiago (afluente do Pavia) e demoram a 3 kilom. proximoamente de Vizeu. Dois dos moinhos são indiscutivelmente de construcção relativamente moderna; um apenas, o representado na gravura, distante dos outros dois, construido de pedra solta, baixo, acaçapado, e revestido em parte d'hera trepadeira, esse deve ser muito antigo.

Ora, é este moinho, somente este, que a tradição local aponta como tendo pretendido aos paes de Vasco Fernandes, pobres moleiros que a custo agenciavam a sua vida, e onde o proprio filho moirejou parte da mocidade, em quanto o seu genio não o desviou para mais altos destinos. E esta tradição, ainda muito viva, é contada com certa vaidade emphatica pelos camponezes dispersos por aquelles casaes em volta, e designadamente pelo sr. João Grillo, proprietario da quinta e moinho, a quem a ouvimos em 1892, na sua casa d'Abraeveses, depoimento este muito caracteristico.

Terminámos hoje conforme o fizemos ha cinco annos: — pelos nomes locativos, pela tradição local, e pelos documentos, havemos de concluir, que relação ha, e relação immediata, entre a existencia do pintor Vasco Fernandes, um artista alem do commum, e a «Quinta e moinhos do pintor», a curta distancia de Vizeu.

Henrique das Neves.

### JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO

(Continuado do n.º 490)

Não é grande a bagagem litteraria de João Basto, mas o que contém é solido.

Em 1846 sahia dos prelos da Imprensa Nacional uma obra, desde muito tempo anciada e que ia abalar completamente preconceitos enraizados por seculos na maior parte dos portuguezes, embora um ou outro d'esses preconceitos já tivessem merecido o reparo de alguns espiritos mais esclarecidos e desempoados. Essa obra era o 1.º vol., da *Historia de Portugal* de A. Herculano.

A fama do trabalho do grande escriptor espalhou-se de tal modo, que em breve se exgottaram os mil e oitocentos exemplares de que constou a edição, sendo necessario imprimir mais mil no mesmo anno!

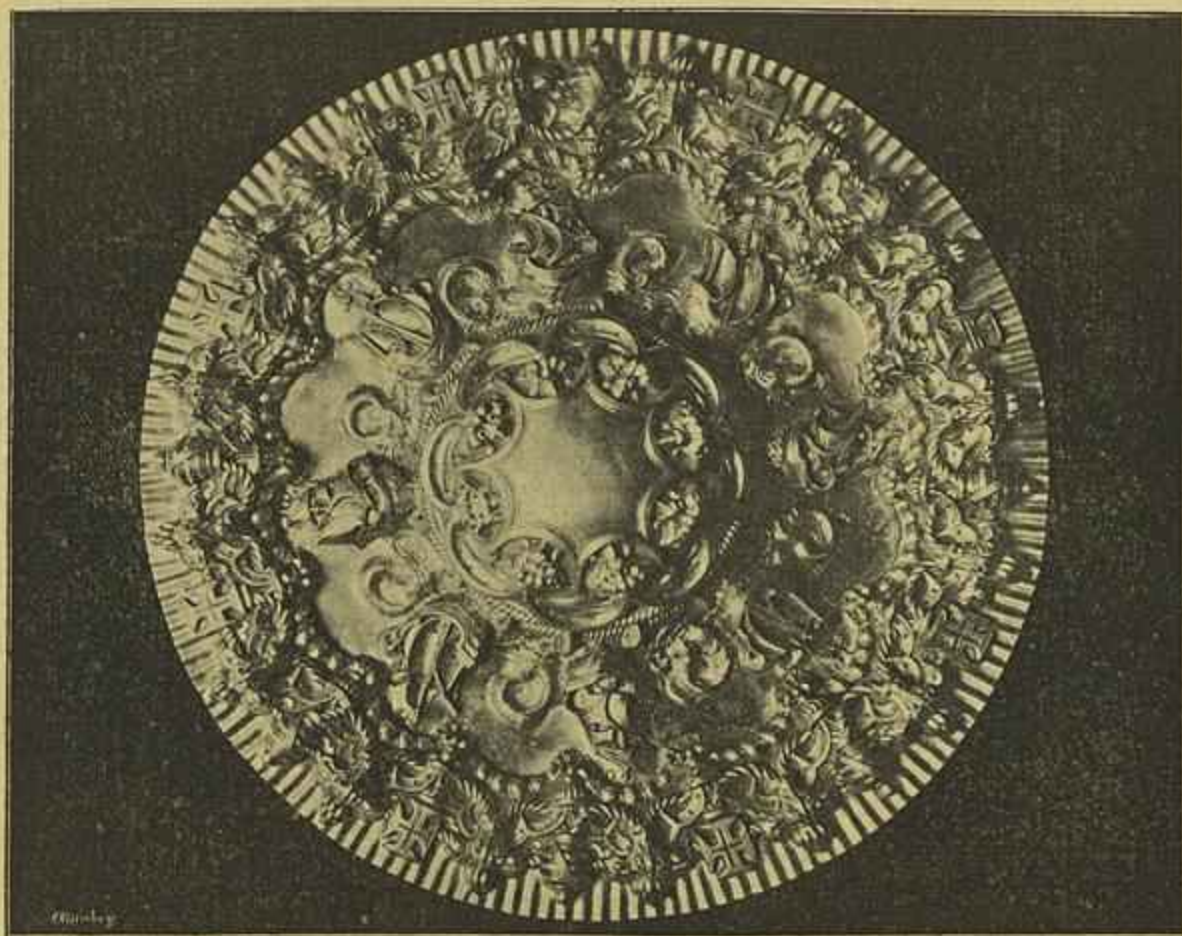
Comprehendia esse volume, — além de um brilhantissimo e substancial resumo da historia da peninsula e nomeadamente do territorio que fórma o reino de Portugal, desde os tempos mais remotos até á sua separação, como condado semi-independente, da grande monarchia leonesa, — todo o governo do conde D. Henrique e de sua mulher a infanta-rainha D. Thereza, e o de seu filho D. Affonso Henriques, 1.º rei dos portuguezes.

A historia d'estes primodiaes tempos da monarchia estava tão matisada de lendas, que era fazer prova de arrojo e demonstrar clareza e independencia de espirito superior, arcar com as crenças, tão geralmente admittidas como verdadeas, entrar com escalpelo da critica no amago d'esses lipomas que transtornam o contexto da historia, e expungir do corpo d'esta todas essas excrescencias inuteis, por mais innocentes que fossem.

Assim a batalha de Ourique com os seus cinco



## CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



A TAÇA «VASCO DA GAMA» PREMIO DE HONRA DA REGATA DE VELA



reis mouros; a aparição de Christo, na noute que a precedeu, a Affonso Henriques; a aclamação d'este apoz ella; as famosas Cortes de Lamego; a celebre doação ao mosteiro de Claraval; a scena com o legado do papa; o desastre de Badajoz, como consequencia.

clero, embora instruídos, mas de pouco alcance intellectual, julgaram ver no trabalho serio e grave do illustre escriptor, um attentado não só de lesa-nacionalidade, mas até de lesa-religião, como se a estulta e insipida milagreria, accumulada durante perto de dois mil annos, não tenha

toriador tratou a batalha de Ourique e o apparecimento de Christo a Affonso Henriques. Os miguelistas e o clero foram quem principalmente entrou em acção. Pouca importancia e valor tinham os seus argumentos, comtudo alguns contendores se apresentavam com certo aparato

## CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA



D. LUIZ DE ATHAYDE — VICE-REI DA INDIA

Copia modificada do livro de Pedro Barreto de Rezende, reproduzido por D. Christina Garin dos Santos, existente na Bibliotheca Publica de Lisboa

*Da maldição da mãe que estava presa*

fallecida, porém, muitos annos antes, algumas d'ellas eternizadas nas fascinantes estrophes de Camões e que formavam até então, como que o fundo indiscutível da historia, foram relegadas para o districto do romance ou da fabula.

Os espiritos menos elevados, embalados desde o berço com essas lendas, e alguns membros do

sido mais um ataque à austera e limpida doutrina do martyr do Golgotha, do que a exaltação d'ella.

Desde a publicação, pois, d'aquelle volume, o fanatismo, verdadeiro ou fingido, se atirou á lica com armas, muitas vezes, pouco limpas, atacando o historiador e a sua falta de *patriotismo*.

O caso que mais offendeu os *patriotas e amantes da gloria nacional*, foi a maneira como o his-

scientífico-litterario, que podia calar um tanto nos espiritos menos cultos ou incautos.

Alexandre Herculano e outros eruditos tiveram que rebater taes ataques, e foi n'essa occasião que João Basto, pela primeira vez, escreveu para o publico, ainda que, pela sua muita modestia, se occultasse sob o anonimo.

Sabido é que, desde a segunda metade do seculo XVI até à aclamação de D. João IV, se fabri-



caram em Portugal varios documentos falsos, um com o patriótico intento de combater o dominio castelhano, outros com o de validar pretendidas doações de bens usufruidos incompetentemente desde seculos por algumas corporações religiosas e até por particulares. O facto, aliás, não era original, porque já um ou mais seculos antes se tinha dado e por varias vezes. Sobresahem entre esses documentos o juramento de Affonso Henriques e as *Côrtes de Lamego*. Do primeiro ainda se conserva o famoso exemplar na Torre do Tombo, que, apesar da minha incompetencia, não deixei de me admirar, quando o vi, que homens de grande reputação litteraria lhe dessem credito; do segundo, por mais prudencia, houveram por bem deixar sumir o supposto original, que, por ser mais extenso, talvez não chegasse a ser lavrado em pergaminho como aquelle.

Já em 1740 o Verney, no seu *Verdadeiro methodo de Estudar*, havia classificado a appareição entre os varios casos que se encontram nas historias, proprios para divertir rapazes, mas, apesar de ninguem o ter atacado por tal heresia, estava isso esquecido, e era preciso demonstrar com toda a evidencia a impostura do diploma, já que um ecclesiastico, em um opusculo, que logo pelo titulo — *Justa desaprovação em defesa do clero*, — mostrava a incompetencia do seu auctor, se havia afoutado a dizer que a *diplomática*, a sciencia de Mabilion, de Vaines, de Florez, de Merino, de Viterbo, de J. Pedro Ribeiro etc. etc., não tinha principios certos, nem regras estabelecidas, era toda de *estimativa*. Foi o que fez João Basto com a maior sisudez, sobriedade e criterio no opusculo que publicou sob o titulo de — *Observações diplomaticas sobre o falso documento da appareição de Ourique, por um paleographo*, — que é, depois dos de Herculano, talvez o mais importante de quantos se publicaram no decurso d'aquella celebrada questão.

Parecer-nos-ia hoje impossivel que tantas penas tivessem tido que malbaratar o tempo em assumpto tão ridiculo, se não vissemos tornar quasi a dar foros de verdade ás não menos futeis *Côrtes de Lamego*, pela Comissão do Centenario de Vasco da Gama, fazendo adoptar como lemma para umas decorações quaesquer, alguns trechos d'aquelle apocriphto documento.

Não ha n'aquelle opusculo palavra ou phrase demasiada, o que mostra quão asado era o seu auctor para trabalhos onde fosse mister nitidez, precisão e rigor.

Herculano que o conhecia profundamente logo que teve ensejo commetteu-lhe outro de grande importancia, mas que lhe ia custando a vida.

Houve na primeira metade d'este seculo um homem que conhecia a lingua portugueza como poucos. No remanso do seu gabinete, ao passo que lia e tomava apontamentos dos varios escriptores portuguezes, ia traduzindo para a nossa lingua os primores de outra, cuja indole, caracter e feição eram totalmente differentes d'ella. Esse homem era amigo d'essas duas individualidades das nossas letras, um desaparecido ha quasi vinte annos A. Herculano, outro desaparecido ha poucos dias Joaquim da Costa Cascaes.

Todas as semanas o primeiro vinha passar um dia com o seu amigo, o segundo recorria a elle frequentemente nas suas duvidas e questões de linguagem.

Ainda eu era pouco mais que uma creança, e já no Collegio Militar ouvia, o meu mestre e amigo, o inolvidavel Sr. Cascaes, fallar com elogio e consciencia dos grandes conhecimentos litterarios de André Joaquim Ramalho e Sousa, nas conversas sobre litteratura, com que muitas vezes nos honrava, ao meu chorado colega e amigo Lobato Pires e a mim. E ainda eu não conhecia as magnificas traducções de Walter Scott, com que Ramalho nacionalisou as grandes obras do famoso escriptor inglez e locupletou a lingua portugueza.

André Ramalho falleceu em junho de 1857, legando a A. Herculano o seu *Diccionario*, labor de uma vida inteira, e que se supunha conter um material de altissimo valor.

Recebido o legado, Herculano procurou dar-lhe o devido complemento. Não podendo, pelas suas outras applicações litterarias, occupar-se de um assumpto que demandava persistencia, assiduidade e muita consulta, olhou em torno de si e procurou aquelle, ou aquelles a quem poderia commetter o encargo com certeza de perfeita execucao. Entre os seus amigos e companheiros de trabalho não lhe foi difficil descobrir dois, que pelos seus variados conhecimentos e lucidez de espirito, eram mais aptos para o assumpto: foram estes João Basto e José Gomes Goes, fallecido em 1887.

Efectivamente firmou com elles um contracto

cujas clausulas vamos fazer conhecer, como um pequeno capitulo da historia litteraria.

(Continúa.)

Brito Rebello.

## OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

### XII

Uma incognita em tres pessoas

Não encontramos um *d* — perguntou o Romulo que andava de cá para lá pelo aposento, levando pelo braço a sua musa.

— Não ha, no periodo todo, um unico *d*, — respondeu o Joaquim — parece impossivel que se escreva um periodo inteiro sem um *d*! Estes jornalistas são capazes de tudo! Ah! por fim, cá dei com um... e cá está o *d* de *amado*. Continúa.

Romulo dictou:

— Eu não te vi no domingo passado.

Emquanto o Joaquim escrevia no periodico, seguindo o tal systema dos pontinhos, com as letras de uma *Revista da Bolsa*, Romulo deteve-se d'improviso para inclinar-se sobre o hombro do amigo.

Pouco depois dizia:

Quem quer que é fez um verso, sem querer; olha.

Pois já sabes, meu Frederico amado

Que não te vi no domingo passado

Bons ou maus, são dois endecasyllabos.

— Endecasyllabos! — exclamou o Joaquim, detendo-se com uma especie de sobresalto.

— Põe *ultimo* em lugar de *passado*, e não ha já nem endecasyllabo nem rima.

— Bem, já os não ha, adeante.

— «... Porque meu marido, receioso, privou-me de ir ao baile, mas pensei em ti sem cessar; — a mim propria dizia: Agora anda elle a minha procura! Tinha ciumes de todas as mulheres bonitas.

Quem sabe? Julgavas talvez que me encontrarias e quanto te terá custado soffrer um desgano? Angustiosa ideia!

Quando penso que devo a este disfarce que tão cruelmente me atormentou a unica satisfação da minha vida; por fora, esplendida mas, por dentro, completamente vazia, a satisfação unica de poder declarar-te sem rubor e sem remorso: «Frederico, amo-te.»

Romulo, apenas pronunciou esta ultima palavra desatou a rir ás gargalhadas.

Joaquim solletrou, apropiadamente: *remorso*: vias ferreas... *Fé*; desde a alta Italia, *de*; os queriam... *ri*; constante... *co te*; *Frederico*, *amo-te*! Cá está!...

E entrou tambem a rir estrepitosamente.

— Bravissimo! — exclamou — fizeste um trabalho de mestre! — Sou eu que t'o digo!...

Visto que elle o dizia, não podia restar nem sombra de duvida, e elle dizia-o, como homem generoso que aproveita a primeira occasião para conceder a um amigo quinhão na sua gloria.

Porque é mister que saibam, se é que o não advinharam já, que a elle, unicamente a elle, Joaquim Poma, occorrera a ideia de escrever ao Frederico, *ponteando* as letras do periodico: ideia que nada tinha de simples; ideia, pelo contrario, subtil quanto engenhosa; o proprio Joaquim Poma concordava — mesmo que não fosse «coisa grande» levando em conta a modestia de Joaquim Poma, a qual não permitia que o fosse.

— Digo-te que fizeste obra de mestre, e agora que a fizeste, explica-me porque é que a nossa incognita não deve dizer que foi ao baile...

Primeiramente — retorquiu, sorrindo, o Romulo, porque não temos a certeza de que o Frederico não tenha ido ao baile; ao que parece, não foi, mas, na duvida, a nossa formosa incognita corria perigo de o ver, não estando elle lá, ou de o não ver, no caso de estar; e portanto o melhor é deixal-a em casa.

— A precaucao é boa, mas o Frederico, com certeza, não foi ao baile.

— Tanto melhor para que a nossa incognita ficasse em casa com o marido; uma senhora, nova e bonita, mesmo anonyma que seja, dá pessima ideia de si escrevendo — *v. gr.* «*Cruel*; não vieste, esperei-te em vão.»

E era o melhor meio para o Frederico credi-

tar logo que era uma farsa dos collegas lá do Casino.

— Tens razão — tens... e se não foi ao baile, estará á espera da carta.

— Suppõe tu que, pelo contrario, se deixasse vencer da curiosidade e haja assistido ao baile...

— Nesse caso, espera da incognita ou dos seus amigos do Casino, uma carta que lhe diga: — Oh delirio! oh prazer sem equal! Vi-te!... «E não recebendo nem delirio, nem prazer, já não acredita que seja brincadeira; toma a serio o caso, enthusiasma-se com o jogo, faz a corte ás beldades todas que vão a casa da baroneza de C... e quem sabe se não se apaixonará de veras?»

— É exacto — disse o Romulo, animando o semblante melancolico com um d'aquelles sorrisos de condescendencia em que era mestre o Joaquim. — É exacto, mas ha mais alguma coisa.

— O que?

— Concorrem as bonitas a casa da baroneza, mas as feias tambem lá vão; suprime as segundas: suprime tambem as mais sensaboronas; as que são notoriamente fieis a seus maridos; por ultimo, suprime as que sem serem fieis nem seresmas, desagradam ao Frederico; faz a conta. Quantas ficam? As cavilações de Frederico, se é que assistem ao baile, devem ficar reduzidas a muito pouco.

— Soberbo! — exclamou Joaquim, agarrando ar a idea. — Foi a senhora tal, ou a senhora coiza tera dito lá comsigo; e emquanto lhe dura a incerteza chega a carta; a formosa incognita não estava no baile.

E Frederico, depois de se ter permittido talvez alguns avances com a senhora tal ou com a senhora coiza que estavam no baile, entra a pensar em todas quantas lá não estavam.

— E se não foi ao baile, averigua quantas mulheres casadas lá estariam, e d'esta feita desanda em frequentador assiduo da baroneza afim de tomar nota de cada mulher bonita que ali appareça, e imagina ver em cada uma o segundo capitulo do romance. Entretanto vai-se distraindo, e talvez se apaixone e, quem sabe, pode vir a ser feliz, porque d'umas coizas nasce outras, e sómente do tedio os maus designios.

Repetiu o Joaquim que aquillo era uma intriguinha portentosa do Romulo, dobrou elle proprio o periodico, pegou os sellos com gomma e sahiu com o amigo, de braço dado, para deitar a obra de mestre n'um marco postal.

— Que admiravel invento foi este dos marcos! — disse o Joaquim.

— E o Romulo acrescentou:

— Que grande invento foi o da imprensa!

— Não pensaste n'uma coisa? — exclamou pouco depois o Joaquim.

— Que coiza?

— Em que te parece que virá a parar a historia que inventaste?

— Eu sei lá! nem tal coisa me lembrou, não pensei...

— Ah! — vês? — não me lembrou, não pensei. Pois pensei eu e digo que o mais provavel é que venha a parar n'um adultério.

E, ao formular tão afflictivo prognostico, aquelle homemzinho com quatro palmos de altura abria a bocca com enorme sorriso.

Romulo permanecia immovel e assustado, e o companheiro, collocando-lhe por baixo do rosto compungido a face risonha, proseguiu:

— Para não cahires em erro tomaste todas as precauções; puzeste em accão um marido apprehensivo, isto é, o mais adequado para que o ficassem...

Volveu-se Romulo instinctivamente, como se cedesse á tentação de voltar para traz e tornar a tirar o periodico, recordando-se, porém, de que os marcos postaes são inexoraveis quanto condescendentes, seguiu para diante sem exprimir o seu pensamento. Estava acabrunhado de veras; o Joaquim para o consolar, disse-lhe:

— Cada mulher formosa que tem marido está rodeada d'uma duzia, pelo menos, de individuos que não tem mulher; terás feito com que acuda um novo corpo de exercito a rodear uma fortaleza sitiada. — nem mais nem menos.

Ora tu, sabes que hoje em dia as fortalezas não se tomam de assalto; tomam-se pela fome, ou á traição; é muito provavel que Frederico principie por empurrar para traz um pretendente que tenha chegado ás ultimas trincheiras e que teria talvez triumphado amanhã. E o senhor marido, sobre o qual pesa a sentença... capital, dar-te-ha os agradecimentos, pois te será devedor de um par de semanas, pelo menos, de prorogamento.

Estas e outras considerações, entre ellas a de que já não havia remedio, serenaram, até onde era possivel, a consciencia de Romulo.



A' noite, a Amalia, quando lhe offereceu a chavena de café, perguntou-lhe se tinha visto o sr. Frederico, e Romulo que exactamente n'aquelle momento estava pensando n'elle, apesar de se achar ao lado de Tranquilina, respondeu perguntando o *porque* das perguntas.

— Por que não tarda nada ahí — disse com charcheira seriedade a donzella.

— Mas como é que o sabe?

— Não faça caso — atalhou Tranquilina — minha filha é uma tagarella incorrigível; metteu-se-lhe em cabeça, não sei por que, que o senhor Frederico a não pode supportar, e que não soçegará em quanto não encontre meio de lh'o dizer. A acreditarmos o que ella diz, não vem cá com outro fim; toda e qualquer palavra que elle profere é principio de phrase impertinente de interpretação assaz difficil. — Ora diga-me se isto não é loucura?

O Romulo estava pensando que aquella voz soava dentro em seu coração qual musica antiga em vetusta cathedra, e respondeu melancolicamente que sim, que era loucura, loucura imperdoavel.

— Muito obrigada — retorquiu a Amalia — o que lhe digo é que estou certa de que virá hoje também... elle ahí está; já lhe conheço o modo de puxar pela campainha.

Era elle, com effeito.

Entrou, sentou-se, divagou por entre mil conversações diversas, não disse nenhuma impertinencia, nem fez allusão de especie alguma. Tanto assim, que Amalia, enfim, perguntou-lhe:

— E a sua incognita?

— Continúa a escrever.

Romulo e Joaquim, callados.

Frederico desdobrou um periodico e leu muito devagar com indolencia de homem aborrecido.

— Vi-te! Que festa para o meu coração!

— Não diz isso! — prrompteu, imprudente, o Joaquim, lançando uma olhadela ao cumplice.

— Ora essa! — E' o que aqui está escripto.

O Joaquim quer dizer — emendou o Romulo — que não tendo tu ido ao baile, a tua incognita não pode ter tido occasião de te ver, e que deve, portanto, haver equívoco.

— Qual equívoco! Está escripto assim mesmo.

E apontou umas letras, nas quaes a festa para o coração da incognita vinha enfeitada com os pontos mais graúdos e formosos que imaginarse pode.

Joaquim e Romulo não abriam a bôcca; ambos haviam cahido em preocupação tão funda que nem o mais fundo abysmo.

— Se o senhor não fôo ao baile, não passa d'uma brincadeira — opinou Tranquilina.

— Fui ao baile — respondeu o Frederico — mas nem por isso deixa de ser brincadeira.

Quando sahio da casa Trombeta, Joaquim disse para o Romulo:

— Adivinhei quem poderá ter escripto esta carta.

— Também eu: — a Amalia!

— Foi ella, não ha duvida! Isto não lembrava a mais ninguem; ella ignora que a incognita somos nós dois e julga-se segura de não ser descoberta; mas qual será o motivo de semelhante brincadeira?

— Para lhe fazer crêr que é realmente brincadeira, o que ella, aliás, não crê.

— Para mortificar a vaidade d'esse Frederico que ella não *pode supportar*; para castigar a loucura á incognita e vingar o seu sexo; sempre a mesma, hem vês. Bem o diz a mãe: é uma pequena que tem o raciocinio de uma mulher; tanto abusa porém, que faz creancices. E' justa a ponto de chegar a ser tyranna, injusta mesmo; quando, lá no intimo, julga e condemna, não está contente emquanto não executa a sentença.

— Pobre Eneas — exclamou o Joaquim.

— Querêrás dizer *pobre Frederico!* corrigiu o Romulo, quando porém, notou o malicioso sorriso do amigo, meditou um pouco e acabou por dizer, erguendo a fronte:

— Talvez tenhas razão, pobre Eneas!

Como, porém, entre elles não deviam existir equívocos, Joaquim apressou-se a explicar de que modo devia entender-se aquella commiserção, mas viu que o Romulo o tinha já entendido.

Dizia o Joaquim:

Emquanto a Amalia não puder supportar o Frederico, e tiver necessidade de lh'o fazer constar, emquanto ella quizer odial-o e ser odiada, a joven mais bonita de todo o universo não terá tempo de se apaixonar por outro.

E Romulo que tinha a consciencia de ser mestre em doutrinas melancolicas, acrescentou sentenciosamente, mas não sem tranquillidade:

— O amor vive de si proprio: tem cem olhos, cem ouvidos, cem linguas e outras tantas lingua-

gens; mas é cego surdo e mudo em seu generoso egoismo: os maus sentimentos não encontram accesso em alma avassallada pelo amor.

— A Amalia, — concluiu o Joaquim — nem sequer se recorda de que n'este mundo existe um engenheiro, solteiro, ainda, que se chama Eneas.

E com isto ficou sendo para ambos luminoso o que a cada um d'elles parecia já assaz claro, a saber, que o desventurado Eneas era verdadeiramente digno de lastima.

Restavam ainda duas perguntas á espera de resposta.

— Porque leria o Frederico tão sómente a carta da Amalia, e não a outra que a contradizia?

— Porque é que, não tendo ido ao baile, como era aliás notorio, havia dito que fôra?

Encontrou-se uma resposta identica para as duas perguntas. O Frederico não queria que a Amalia, a qual deu a perceber o despeito que lhe causava a incognita, chamando-lhe: *tola!* deante de toda a gente, ficasse persuadida de que tudo aquillo era apenas farsa dos collegas lá do casino, circumstancia — a respeito da qual elle podia já estar descansado.

E de toda esta jiga-joga de sentimentos meudinhos surgia, distinctamente, uma ideia que os dois amigos velhos, abanando a cabeça e fitando de vez em quando, exprimiam em phrases dubitativas:

«— Quem sabe! — Nunca se sabe se!... Talvez!... tem-se visto tanta coisa!...»

(Continua)

Pin-Sel.



Recebemos e agradecemos:

**Administração financeira.** *Discurso proferido na camara dos pares do reino, em sessão de 25 de agosto de 1897,* por Hintze Ribeiro, Lisboa, *Imprensa Nacional, 1897.* Um vol. de 90 pag. in-8.<sup>o</sup>. Temos já ha tempo sobre a nossa secretaria o importante discurso do conselheiro e ministro de estado honorario sr. Hintze Ribeiro, mas como não é nosso costume fallar dos livros com que os seus auctores nos honram, sem primeiro os lermos, isto faz muita vez demorar o apparecimento da sua noticia n'esta secção.

Foi o que se dea agora e, se pela demora temos que nos penitenciar para com o auctor, elle nos relevará d'esta falta pela boa intensão que a determinou, porque podemos assim dar mais conscienciosa noticia do seu bello discurso, que não precisa de elogios para lhe exaltar as qualidades, mas lêr-se detidamente e apreciar-se as profundas verdades que expõe.

Não precisamos amontoar palavras, fazer rhetorica, exgotar adjectivos para noticiar elogiosamente o discurso do sr. Hintze Ribeiro; elle falla mais alto e mais eloquente que tudo que aqui adduzissimos e a sua eloquencia é a dos documentos, como se vae vêr.

O estado da divida fluctuante interna e externa, em 22 de fevereiro de 1893, data em que se organisou o ultimo ministerio regenerador, era de 18.413.394,045 réis. Quatro annos depois, em 6 de fevereiro de 1897 quando este ministerio deixava o poder, a mesma divida subia a 33.845.300,227 réis, havendo em cofre 3.147.945,224 réis e em deposito para os encargos da divida consolidada, 1.297.395,101 réis que abatidos d'aquella dá réis 29.399.959,064 em que ficava a divida fluctuante. Por isto se vê que o augmento da divida fluctuante foi durante a gerencia do ministerio regenerador de 12.958.166,064 réis. A esta somma deve-se juntar o producto de titulos vendidos durante a gerencia, de 2.250.867,762 o que prefaz réis 15.209.034,420. Juntando ainda 1.195.767,438 réis de despesas liquidadas mas não pagas, conforme o relatório do actual ministro da fazenda, eleva-se ainda aquella somma a 16.404.801,864 réis.

Mas pela mesma razão, diz o sr. Hintze Ribeiro e muito bem, tem o ministerio passado de levar a seu favor toda a importancia das despesas que teve de pagar por conta das administrações que o precederam e que sobre a 2.775.453,257 réis que reduzi da dos 16.404.801,864 fica em réis 13.629.348,607.

N'esta quantia porém, acham-se comprehendidos 2.496.762,476 réis que o governo pagou aos bancos do Porto pela operação das classes inactivas, não representando isto uma despesa effectua-

da por elle, mas unicamente a solução de uma divida anterior; 234.373,590 réis, adiantamento feito á companhia de Ambaca, reembolsavel nos termos do contracto de 20 de outubro de 1894, pelo que representa um credito a receber; e réis 370.601,140 custo da prata comprada para a cunhagem da moeda commemorativa do centenário, reembolsavel tambem para o thesouro o que somma tudo 3.101.737,206 réis, que não representa desequilibrio entre receitas e despesas proprias da gerencia d'aquelle governo, mas dividas anteriores pagas e adiantamentos reembolsaveis o que reduz o passivo a 10.527.611,401 réis.

Para este deficit concorreu ainda, sem ser da responsabilidade da gerencia do ultimo governo 682.644,928 réis de indemnisação ao empreiteiro das obras do porto de Lisboa; 32.395,539 réis de indemnisação arbitrada aos empreiteiros da dock de Penta Delgada; e a despesa extraordinaria e não prevista que reclamou as expedições militares á Africa na importancia de 2.978.573,642 réis.

Deduzidas aquellas indemnisações a que o governo regenerador não deu causa, e esta despesa extraordinaria a que outro qualquer governo teria de occorrer, o desequilibrio entre as receitas e despesas durante os quatro annos da administração do governo transacto foi de 6.733.997,292 réis.

Notaremos ainda que este desequilibrio deve ser attenuado por duas causas: a primeira foi que o governo entrou em fevereiro de 1893, no decurso de um anno economico cujo orçamento não fez e em que houve um deficit de 6.137.520,261, na maior parte de responsabilidade anterior, na gerencia, de 5.625,833,652 réis, no final do exercicio; a segunda é que sahio do poder, em 6 de fevereiro de 1897 tendo o 1.<sup>o</sup> semestre d'este anno economico sido altamente gravoso para o thesouro pelo aggravamento dos cambios e diminuição das receitas aduaneiras, o que produziu um deficit até ao fim de janeiro de 1.675.323,856.

Vê-se ainda no discurso do sr. Hintze Ribeiro que o deficit comprehendido nos quatro annos da sua gerencia é de 3.821.845,199 réis pelas contas e de 3.032.581,926 pelo exercicio.

Durante a sua gerencia so se fez o emprestimo de 3.000 contos a longo praso para a aquisição dos navios de guerra que se estão construindo.

Em seguida aprecia ligeiramente o que foi a ultima gerencia progressista de 1886 a 1889 e continuando faz o contraste da administração do ultimo governo com a administração do actual até á data do seu discurso (25 de agosto de 1897) e o contraste é frisante.

A gerencia do actual governo, apresentava, áquella data, isto é em 7 mezes, um deficit em cifras redondas de 7.000 contos ou 1.000 contos por mez!

E tudo isto se demonstra com documentos.

Hoje calcula-se a quanto subirá o deficit, tendo augmentado em alguns milhares de contos a circulação das notas, fora os suprimentos ao thesouro para o que empenhou 72.000 obrigações dos caminhos de ferro que o governo transacto deixara no thesouro, e vendeu 4.207.850,000 réis de inscrições que produziram 1.386.486,575 réis. Esta venda não a podia qualquer governo fazer sem uma lei que a isso o auctorisasse, mas fel-a o governo actual.

Passando a apreciar os successivos deficits que tem havido desde 1857 a 1896, o seu progressivo augmento até 1891-1892, em que attingio 16.303 contos de réis, demonstra que o deficit de 1893 e 1894 foi de 356 contos o de 1894-1895, 2.082 contos e o de 1895-1896, 1.382 contos.

Mostra que as receitas na gerencia do seu governo augmentaram 14.135 contos, em quanto que de 1877-1878 a 1891-1892 só tinham augmentado 12.249 contos. N'estes quatorze annos as despesas cresceram 18.099 contos, nos quatro annos da gerencia do governo transacto só augmentaram 931 contos.

Com documentos mostrou o sr. Hintze Ribeiro como tinha corrido a administração do seu governo, depois faz, por assim dizer, a historia das administrações dos governos transactos e prova claramente quanto conhece essas administrações.

Apresenta dados estatisticos que demonstram os recursos do paiz, no augmento progressivo da exportação, da industria e principalmente dos generos coloniaes, mas faz vêr a prudencia que é necessaria para não atrophiar esse desenvolvimento da riqueza publica.

Condemna as medidas financeiras do actual governo que se reduzem a emprestimos, monoplios e a empenhar quanto temos, preparando assim um futuro desastroso, insolavel.

Não cabe nos limites de uma noticia d'esta secção, entrar em mais desenvolvida apreciação do





O MOINHO DO PINTOR, (GRÃO VASCO, COMO SE JULGA) NO ARRABALDE DE VIZEU

(Desenho do natural pelo sr. J. R. Christino)

notavel discurso do sr. Hintze Ribeiro; apenas apontamos o que melhor nos pareceu frizar o que foi a administração do seu governo e o que está sendo a actual, porque é isto o que mais poderá interessar o leitor e chamar a sua attenção.

**Diversas revistas.** — Continua visitando-nos um crescido numero de publicações periodicas, no genero vulgarmente denominado revista, o qual é na verdade a melhor forma do periodicismo para a explanação de materia variada ao sabor de um diversissimo meio de leitura.

Comprehendendo isto mesmo, criam-se hoje muitissimas revistas e magazines que, embora contem pouco tempo de publicação, teem já merecido verdadeiro interesse e apreço.

Um facto, todavia, se dá entre nos e no estrangeiro, que mostra a má e indecisa comprehensão que ainda existe acerca dos requisitos de uma boa revista.

Assim, apparecem alguns hebdomadarios repletos de gravuras e completamente falhos de texto, pois julgam os redactores e editores, que essa avalanche de illustrações seduz o leitor, mas é engano, porque na verdade so para ver estampas duvidosas não se compram livros e revistas, e a prova d'isto está na sua ephemera duração. Outros editores proscvem a gravura e intitulam revistas o que apenas será fasciculos de maior obra. Licito é pois distinguir aquellas publicações que o mereçam. É o que fazemos n'esta rapida enumeração.

**A Revista.** N.º 1, janeiro de 1898 — 1.º anno, editores Alfredo Silva & C.ª, Para-Brazil.

Um primor typographico este magazine illustrado. Honra os seus editores e o paiz em que vê a luz da publicidade. Alfredo Silva é um artista portuguez e temos o maior prazer em o felicitar pela arrojada e brilhante iniciativa. Não podemos resistir a reproduzir aqui o gracioso cartão de apresentação com que a Revista nos appareceu, devido á penna elegante de Antonio de Carvalho:

Arena onde o sabio fere  
Os combates da razão;  
Gaçoila em que a musa queima  
Perfumes do coração;  
Canteiro onde viça a rosa  
Das letras, á luz do sol;  
Luctador que a lança enrista  
E as duras laminas cruza  
Das grandes causas em prol;

Élo de caro metal  
Que, na cadeia da Idéa,  
Entre os periodos da prosa  
E nas estrophes da epopea.  
O livro liga ao jornal;  
Tela e palheta de artista;  
Monoculo de humorista,  
Onde o annuncio se propaga  
E a chronica applaude ou silva,  
Zurze agora, agora afaga...  
Eis a moderna revista,  
Eis a Revista do Silva!

A maioria dos escriptores que ornam o primeiro fasciculo de *A Revista* são paraenses. E isto é sobremaneira honroso para aquelle estado, porque assim mostra poder sustentar uma publicação de similhante categoria.

João do Rego, Marques de Carvalho, Paulino de Brito, Barroso Rebelo, Acrisio Mota, Antonio de Carvalho, Frederico Rhossard, Guilherme de Miranda, Teodoro Rodrigues, Corrêa Pinto, Cantidiano Nunes, no vico da idade e na pujança do talento, assás garantem, no futuro, uns nomes gloriosos á patria paraense.

Adelino das Neves e Mello, Alfredo Serrano, Vasco Abreu, e Fran-Paxeco — são todos portuguezes.

**La presse international** — N.º 1 — 1.º année — *Février 1898* — Paris.

D'esta nova revista franceza, temos presente mais alguns numeros, referindo-se o n.º 2 á cidade de Lisboa, da qual dá algumas vistas e typos. É seu director mr. Maxime Serpeille, e mr. Maurice Feuillet, director artistico.

Pelo interesse que mostram ter pelas cousas portuguezas, muito sinceramente louvamos os illustres directores da *La Presse Internationale*.

**Revista critica de Historia y literatura españolas, portuguezas e hispano-americanas** — Ano. N.º 2 a 4.

Já noticiámos a redução de formato que esta revista deu á sua nova colleccão e que a tornou muito mais manuseavel e propria a formar um livro de consulta facil e leitura agradável.

**Gazeta dos Camiuhos de ferro.**

Esta revista, além das suas 16 paginas de texto muito selecto na sua especialidade, distribue, em virtude de contractos especiaes com o governo e as respectivas direcções, todas as tarifas de trans-

porte das linhas ferreas portuguezas, e insere muitas e variadas indicações deveras uteis

**La Revue illustrée du Portugal**

Sob a intelligente direcção do sr. Carlos Lisboa, continua a sua publicação esta revista em francez e succedanea da *Gazette Diplomatique et Consulaire du Portugal*.

**Voz de Santo Antonio** — revista mensal illustrada 4.º anno — N.º 14 — 2.ª serie Braga — 1898.

Esta publicação bracaraense é orgão da benemerita Pia União e do Pão de Santo Antonio, e boletim da ordem terceira de S. Francisco, saindo do collegio de S. Boaventura, na cidade de Braga. Os seus artigos são bem escriptos e ensinadores.

**Revista de Direito e Jurisprudencia.**

D'esta revista lisbonense, temos presentes mais alguns numeros em que se tratam questões interessantes, como as de divisão d'aguas, ensino livre, etc.

**A Capital** — revista semanal de critica e litteraria — Esta nova revista lisbonense publicou o seu primeiro numero em 2 de abril do corrente anno e tem por director o sr Severiano Pereira e por secretario o sr A. Vasconcellos Cohen.

Afora á má escolha do papel, parece possuir bons elementos de vida a nova publicação.

**Iride** — revista d'arte — Esta publicação genoveza reduziu tambem o seu formato e augmentou o numero de paginas do texto. É seu director o sr. G. Conrado, que na excellencia dos artigos demonstra o seu criterio. É uma publicação muitissimo apreciavel.

**Publicações agricolas.**

É felizmente avultado o numero de publicações agricolas que se publicam entre nós, sendo alguns superiormente redigidos. Por aquellas que temos o prazer da sua visita, não ha que invejar n'esta especialidade ás suas congeneres do estrangeiro.

Todavia, como Portugal é um paiz essencialmente agricola, seria muito natural que o numero das referidas publicações augmentasse bastante, mas antes pelo contrario, se tem dado uma redução importante. Esse facto veiu contudo evidenciar eloquentemente quaes eram as publicações agricolas que mais applauso merecem e melhores condições de vida desfructam.

Devemos, pois, entre outros que não recebemos, distinguir os antigos *Jornal Horticola-Agricola*, propriedade da Companhia horticola-agricola Portuense; o *Portugal Agricola*, periodico lisbonense cujo redactor proprietario é o sr. João Achilles Ripamonti; e *A Agricultura Contemporanea* fundada em 1886, pelos mais distinctos agronomos portuguezes, e que já conta oito annos de publicação.

**Leituras Religiosas** — Com a approvação da auctoridade diocesana — Bahia — 1898.

Alcança já ao n.º 26 do IX anno esta edificante publicação bahiana, redigida sob os mais austeros preceitos da religião christã. Tomou para seu lemma o conhecido *Veritas liberabit vos*.

## AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

VERSÃO DE

ESTEVES PEREIRA

Um volume illustrado com uma linda capa impressa a duas cores, 200 réis.

A venda em todas as livrarias e na *Empresa do Occidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

## Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Está a publico este interessante annuario profusamente illustrado e com primorosa collaboração litteraria.

A capa é um lindo chromo representando o «Adamastor». Preço 200 réis, pelo correio 220 réis, cartonado 300 réis.

A venda em todas as livrarias e na *EMPRESA DO «OCCIDENTE»* — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 29